

PINGADO

• Café Literário •


CNC senac

Polo
Educatonal
Sesc

SESC | SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

Presidência do Conselho Nacional
José Roberto Tadros

DEPARTAMENTO NACIONAL

Direção-Geral
José Carlos Cirilo

Diretoria de Programas Sociais
Janaina Helena Cunha Melo

Diretoria de Operações Compartilhadas
Maria Elizabeth Martins Ribeiro

Gerência de Educação
Luiz Fernando de Moraes Barros

Diretoria do Polo Educacional
Carlos Alberto Tadeu Zanetti

Vice-diretoria do Polo Educacional
Luciano Lima Moreira

Núcleo Pedagógico
Gustavo Affonso de Paula

Núcleo da Secretaria Escolar
Janaina Franca da Cunha

Núcleo de Projetos Especiais
Leonardo Correa Minervini

Núcleo Administrativo e Financeiro
Jorge José Ferreira dos Reis

PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Ensino de Língua Portuguesa
Leyliane Gomes da Silva

Biblioteca
José Maria C. Junior

Colaborações
Anna Karollyna Silva (2021/2023)
João Vitor Pereira (2021/2023)

**Serviço Social do Comércio
Polo Educacional Sesc**

PINGADO

• Café Literário •

**Rio de Janeiro
Sesc | Serviço Social do Comércio
Polo Educacional Sesc
2023**

Sumário

Apresentação.....7

Palavras de quem escreve.....9

Voz para elas.....13
Abelhinha

Salto de fé.....15
Maria Elizê de Jesus Bispo da Silva

Cosme e Damião.....17
Lavinia Monteiro

Meus olhos.....19
Zé Arnaldo Guimarães

Desabafo da alma.....21
Maria Elizê de Jesus Bispo da Silva

Gostar tanto de você.....23
Luiza Carter

Fotos sem nome e sem dono.....25
Lear da Britânia

A chuva que salga.....27
Nicolly Figueiredo

Lacuna na alma.....29
Nicolly Figueiredo

Algures.....31
Igor Pignataro Alves

Extra! Extra!.....33
Artur Bertoni

A metamorfose é necessária.....35
Nina Cubano

**Texto em que se relata a volta
à escola após ir ao mercado.....37**
Rian de Paula Martini

Contrato de saudade.....39
Anna Karollyna Silva
Livia Alves da Costa
Nicolly Figueiredo

Depoimentos.....41



Apresentação

O **Pingado - café literário** nasce do anseio de promover um encontro frequente entre literatura e leitores, antes do horário das aulas, acreditando no quanto esse momento pode afetar de forma positiva o dia dos estudantes da escola, bem como contribuir para a formação literária deles.

Idealizado por José Maria C. Junior, bibliotecário do Polo Educacional Sesc, e por Leyliane Gomes, professora de Língua Portuguesa, o projeto tem como objetivos fomentar o desejo pela leitura, pela escuta e pelo compartilhamento de textos literários, incentivar a interação entre leitores e obras, construir um espaço para experienciar a literatura, estimular a ampliação de repertório literário e ofertar uma atividade contínua para o trabalho da competência leitora/literária.

Planejado para ocorrer uma vez na semana, no dia do encontro os estudantes inscritos reúnem-se em torno do palco da biblioteca do Polo, carinhosamente chamado de palquinho. A leitura dos textos literários ocorre concomitantemente à degustação de um pingado quentinho.

Nesse cenário prazeroso e de muita construção de conhecimento, os participantes podem apresentar livremente seus textos, não havendo restrição quanto à temática, ao tipo ou gênero textual e ao suporte, podendo ser textos autorais ou de escritores preferidos.

Por meio da prosa e do verso, esta publicação expressa um pouco do interesse, da animação e do carinho de seus participantes com esse momento de fruição, partilha e (auto)conhecimento.

Fique à vontade para desfrutar dos sabores e saberes do Pingado.

Palavras de quem escreve

*Italy Aléxia
Lima de Aquino
(Abelhinha)*

Poesia com café e
algumas gotas de adoçante.



*Maria Eliziê
de Jesus Bispo
da Silva*

Liberdade de ser quem é
e escrever o que
transborda a alma!



*Livia
Alves da
Costa*



*Tiago Matos
Siqueira Junior
(Lear da Britânia)*

Entretenimento e reflexão.

*Rian de
Paula
Martini*



*Anna
Karollyna
Silva*

Encontro e afeto.



*Nina
Cubano*

Despertou a paixão
pela literatura.



*Zé
Arnaldo
Guimarães*

Fruição.

*Igor
Pignataro
Alves*

Pra mim, que nunca gostou de café,
o Pingado se tornou minha
caféina conotativa.



*Lavinia
Monteiro*

Acolhimento e leveza.
É calor em uma
manhã fria.



*Nicolly
Figueiredo*

Partilhar palavras,
histórias, memórias.



*Artur
Bertoni*

Empolgação.

Voz para elas

Abelhinha



Em conversa com uma amiga sobre a redação de português, comentei que não sabia sobre o que desejava falar. Discutimos um pouco e depois de muitas ideias me decidi: quero falar sobre mulheres!

Por que não falar das mulheres no campo de futebol, em cargos de liderança e envolvidas com tecnologia e computação? Por que não entender os motivos de números tão pequenos quando o assunto é mulheres protagonistas?

Quero falar sobre as mil e trezentas manas que morrem a cada ano apenas por serem mulheres. Ser voz para as que foram caladas e dar espaço às que não tiveram oportunidade.

Quero ser como Letícia Karine, Nicole Figueiredo, Larissa Dias, Lavinia Monteiro e Aline Queiroz, que lutam todos os dias pelo direito de serem protagonistas de suas próprias histórias.

Espero, daqui a uns anos, poder contar para aquela amiga que consegui falar sobre mulheres e que aprendi a ser protagonista como Letícia Ariel. E algum dia, talvez, seja corajosa e determinada como Neirielli Santos, Mônica Jansen, Jaciede Rodrigues, Fernanda Freitas e muitas outras mulheres que me ensinam todos os dias a ser uma pessoa melhor.

Salto de fé

— ● —
*Maria Elizicê
de Jesus
Bispo da Silva*

Nos amamos muito... É tão nítido que comentam como é lindo nosso amor, nossa tal amizade! E é mesmo, porém, mesmo com tanta certeza desses sentimentos, vem uma insegurança, uma angústia e, pronto, uma autossabotagem... Tudo por medo de te perder, de não ser recíproco, ou, até mesmo, da minha intensidade sufocar a sua.

Desculpa! Não sei se te contei, mas nunca senti tanto por alguém como estou sentindo por você, acredite! Com tal revelação, veio o meu tão temido salto de fé para entrar de corpo e alma nisso que temos.

É tão nosso, tão único, é a gente, não acha?

Ontem me peguei em lágrimas enquanto te admirava, me ludibriava com seu perfume, me perdia nos teus olhos castanhos e, ao fundo, o pôr do sol dando uma ajudinha nessa cena digna de filme romântico. Sei que te assustei, mas, calma, o que não consigo lhe dizer em palavras, minhas lágrimas lhe contam em segredo. Há coisas que não precisam ser ditas, pois o corpo nos revela (porém é bom falar, sabe? Até porque descobri recentemente que as pessoas não têm bola de cristal. Triste demais!).

Sempre nas minhas visões de futuro você está lá... Estranho seria não estar; aliás, estamos juntas nesse futuro... Mas de que maneira? Não sei! Porém, só de tê-la ao meu lado, o coração se aquece e se enche de alegria assim como prometido!

P.S.: Para minha loirinha da Grifinoria, que sem dúvidas não precisou de poção do amor para fazer com que me apaixonasse por ela! TE AMO DEMAIS, minha princesa ciclista. Nós? Sempre nós.



Lavinia Monteiro

Cosme e Damião

Outro dia, meus colegas de classe conversavam sobre Cosme e Damião. Não me lembro exatamente como a aula de Língua Portuguesa havia gerado esse assunto, mas minha turma rapidamente se apoderou dele, discorrendo sobre suas tradições pessoais e lembranças da infância em vozes altas e risadas ocasionais. Eu me mantive quieta, a testa um pouco franzida, até que uma amiga se voltou a mim, perguntando simplesmente se eu ainda pegava doces. Pegar doces onde? E ela respondeu: No dia de Cosme e Damião. Olhei-a intrigada, mas a expressão no meu olhar não chegava perto da dela quando lhe contei que nunca havia participado dessa festividade. A pobre garota parecia mais surpresa do que quando a professora havia contado, momentos antes, que a comemoração não se chamava Cosmo Damião, mas sim, Cosme e Damião. Irmãos gêmeos, mortos e torturados por serem cristãos. Duas pessoas. Mas, voltando à minha amiga, depois do choque, a primeira observação feita por ela, na verdade, foram duas perguntas. Como assim? Você não teve infância?

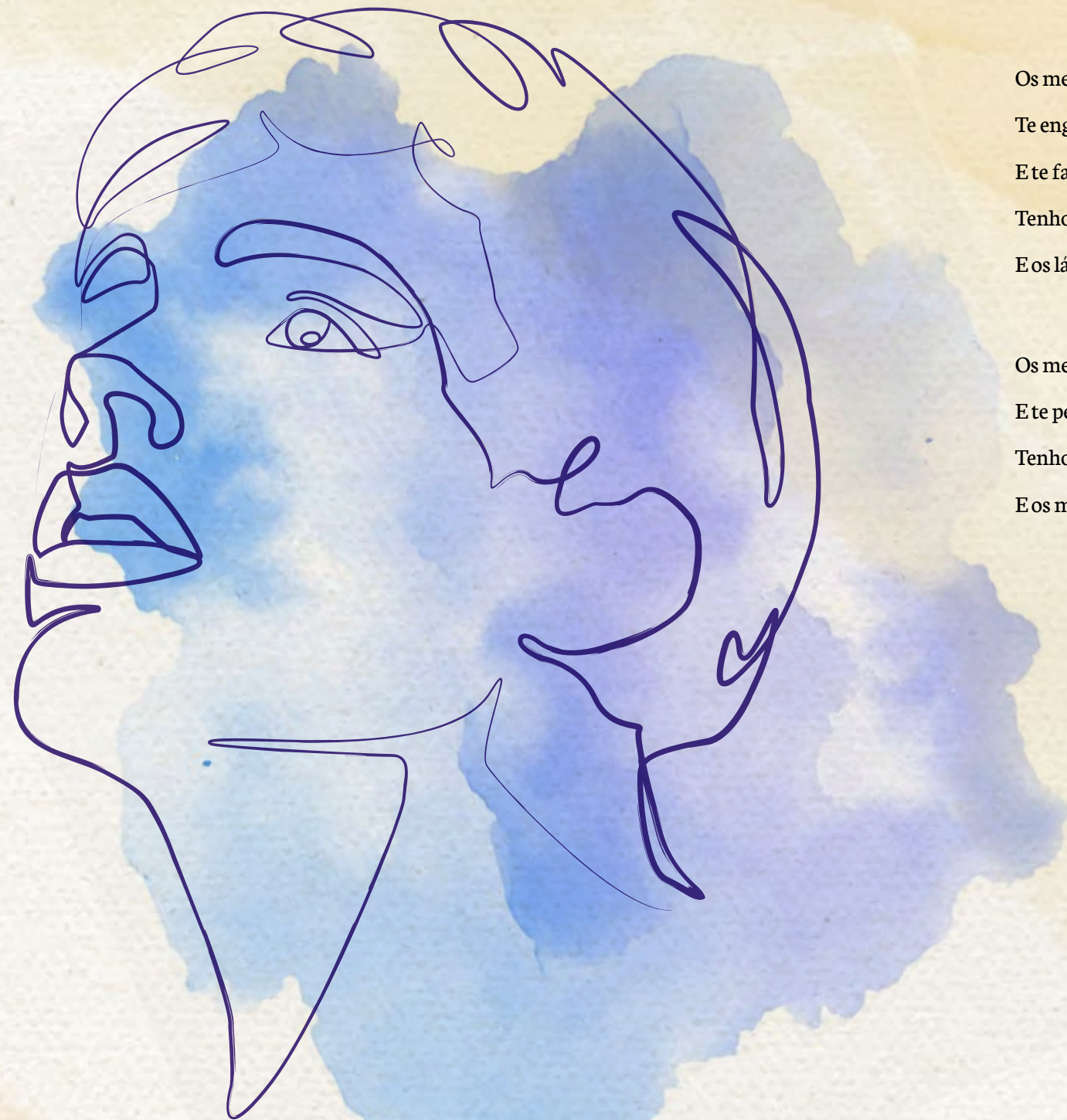
O assunto eventualmente cessou. Chamados de volta para o mundo da Língua Portuguesa, das crônicas e pronomes, os alunos se esqueceram da comemoração e dos doces que costumavam pegar. Mas eu não consegui tirar da minha cabeça o diálogo que tive com aquela colega, e os meus pensamentos passaram a girar em volta de uma palavra específica. Infância.

Como fora a minha infância? De forma geral, era simples responder a essa pergunta. Lembro-me perfeitamente da casa sempre cheia, das brincadeiras de teatrinho e das gargalhadas. Se me esforço um pouco mais, consigo evitar a imagem dos pratos com rostinhos e das apresentações de escola, dos livrinhos infantis com imagens que saltavam da folha, e das tias que me davam dinheiro escondido das minhas irmãs, juntamente com um tapinha na cabeça e um sinal que significava segredo. O dia em que subi em uma grande árvore lá em casa e fiquei presa em um dos seus galhos, sem coragem para fazer o caminho de volta e sem altura para alcançar o chão. Meu pai me viu naquela situação, e mesmo com todos os meus apelos e justificativas - principalmente com base na ênfase de que eu provavelmente quebraria a minha perna - ele apenas repetia que eu só precisava pular dali, porque eu conseguiria. No fim, realmente pulei daquele galho, e sem quebrar nenhuma perna. Até hoje, penso nisso como um ritual de coragem.

Pensando bem, nunca pude e nunca poderei dizer que não tive infância. Isso seria meramente a negação das minhas memórias, que - com ou sem Cosme e Damião - são de muitíssima importância para mim. Mas... Eu adoro chocolate. Acho que vou descobrir se ainda posso pegar alguns doces. Será que tenho idade para isso?

Meus olhos

— ● —
Zé Arnaldo Guimarães



Os meus olhos

Te engolem

E te falam mais que a fala

Tenho olhos tagarelas

E os lábios de bengala

Os meus olhos te abraçam

E te pegam descarados

Tenho olhos que são braços

E os meus braços vendados

Os meus olhos

Te perseguem

Te alcançam a mil léguas

Tenho olhos corredores

Mas as pernas estão cegas

O meu jeito mentiroso

Não esconde os meus fracassos

Os meus olhos são sinceros

Mostram a alma em pedaços



Desabafo da alma

Maria Eliziê
de Jesus
Bispo da Silva

Me peguei pensando se escreveria algo tão meu, como da última vez. Confesso que fiquei relutante, pois não é fácil lidar com sentimentos e transformá-los em textos compreensíveis para os outros, para que consigam compreender 1/3 do que estou tentando passar.

Estes dias li um texto não verbal, mas que pra mim valeu mais que mil palavras. Aquela imagem me fez refletir sobre o quanto estava sentindo falta de escrever. E como amava fazer isso! Funcionava como meu refúgio, o modo mais sincero e ambíguo de expressar minhas angústias e alegrias.

Mas, tomada por uma solitária tristeza, não me permiti escrever mais nada. Para mim, não tinha nada mais angustiante do que me sentar para escrever e ter que lidar com todos os sentimentos e emoções que naquele momento estavam me destruindo aos poucos. Confesso que não escrevi porque tive medo. Covardia minha! Eu sei!

Quando escrevo, posso elevar minhas emoções ao seu máximo e isso é cansativo demais para alguém que está com tantos sentimentos fora de controle, porém sei que, quando termino de escrever, instantaneamente me sinto tranquila. É quase a mesma sensação de um Rivotril, só que melhor - e sejamos sinceros... Bem mais saudável! (Aliás, não era um texto propriamente dito e sim uma imagem. Com o tempo, acabei virando uma escritora e uma leitora para quem todo texto, verbal ou não verbal, ganha grandes significados nas perspectivas certas.)



Gostar tanto de você

— ● —
Luiza Gartner

Às vezes chega a ser estranho uma pessoa causar tanta mudança em um intervalo curto de tempo na minha vida. É confuso ter você, nunca sei se realmente a tenho, e se a tenho por completo.

Parece sempre que só tenho uma parte de você ao meu lado, sinto que você está sempre tão perto, mas ao mesmo tempo distante de mim, e não faço a mínima ideia do que se passa na sua cabeça em seus momentos de silêncio.

Também não sei se você realmente me quer, sinceramente...Ando me sentindo insuficiente demais pra você.

Todos os dias escrevo e deleto inúmeras mensagens nas quais tento puxar o mínimo de assunto contigo, só pra ter o pequeno prazer de receber uma notificação em meu celular com seu nome.

Você sempre diz que me ama, com um brilho impressionante nos olhos, mas seria mesmo amor? De vez em quando me pego pensando se as suas palavras de amor eram realmente genuínas, ou se eram simplesmente uma desculpa para me fazer ficar.

Aposto que, se te perguntasse isso, sua resposta seria que sim, que suas palavras sempre são verdadeiras e que você nunca mentiu pra mim, mas eu não hesitaria em te perguntar.

Como manter um sentimento se estamos sempre nos afastando uma da outra? Como mantemos um amor se aparentemente nós mesmas já não temos mais esperanças? Como manter uma paixão se parece que você já não sente o mesmo por mim? Foi tão fácil assim, pra você, conseguir me esquecer?

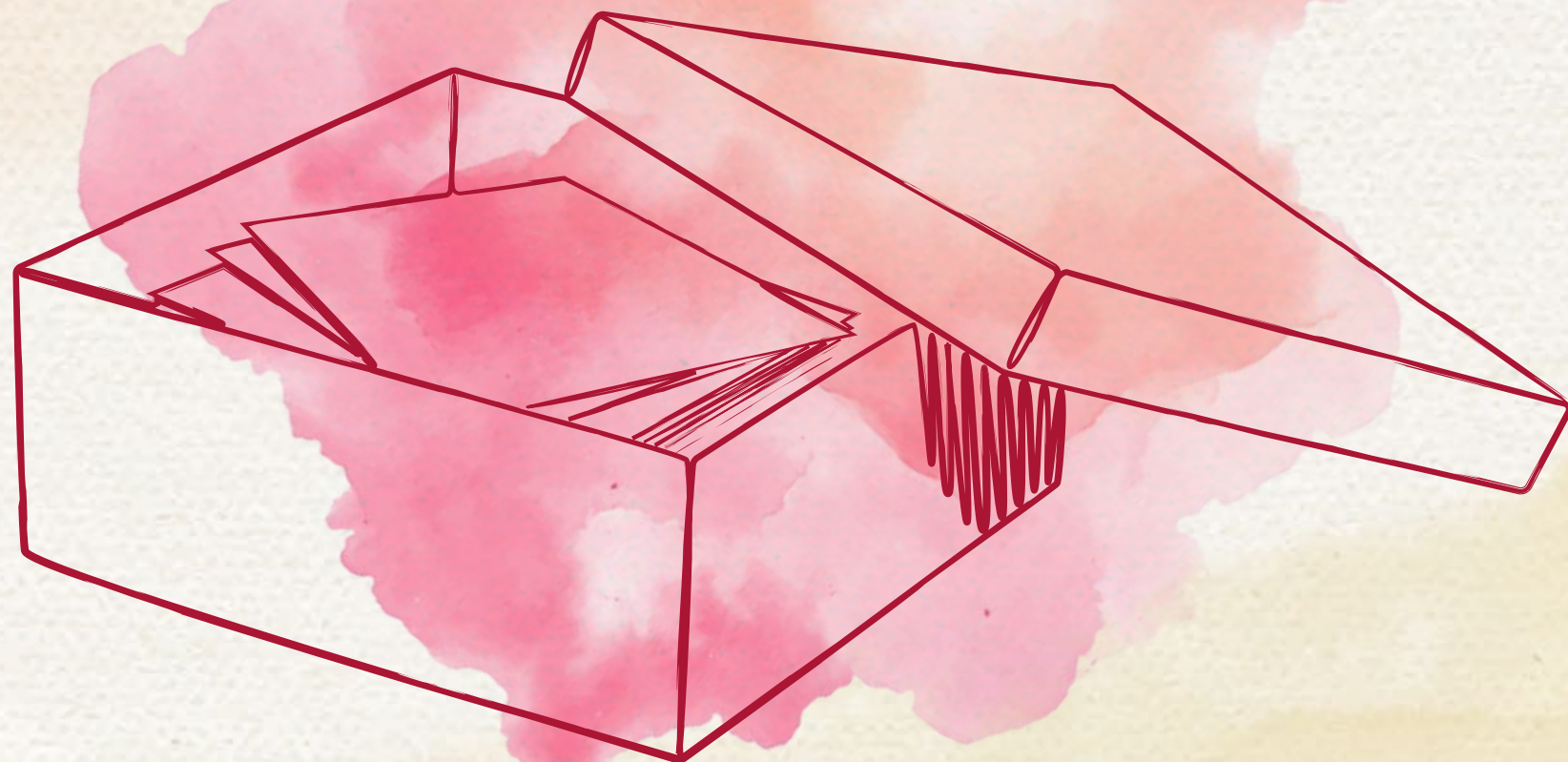
É, viramos duas completas estranhas e, definitivamente, não me sinto eu mesma ao seu lado. Parece que a todo momento tento me moldar para caber em seu mundo, um mundo pequeno demais para mim, e se continuar me moldando vou acabar me ferindo, me machucando mais do que consigo suportar.

Sinceramente, sinto sua falta a cada segundo em que você não está do meu lado.

Até quando a nossa pequena história de amor vai me machucar?

Fotos sem nome e sem dono

Lear da Britânia



Certo dia, ele me chamou, pois queria me mostrar uma coisa.

Abriu a caixa que deixava guardada embaixo da cama e tirou de dentro algumas fotos que havia registrado com sua câmera.

Um céu lindo num dia parcialmente nublado.

Um gatinho que achou na rua.

A decoração da escola no período de São João.

Ele sorria ansiosamente enquanto me mostrava as fotos, por mais que fossem de coisas e cenários completamente ordinários e mundanos.

Agora, não tenho mais ele. Agora, tudo o que tenho são essas fotos.

Elas não são imagens de pessoas fazendo pose ou sorrindo.

Elas não têm nenhum tipo de filtro mirabolante.

Para ser franco, nem significado essas imagens têm.

São apenas fotos. Mas fotos com muito mais valor do que realmente damos a elas.

O que as três imagens têm em comum é serem absolutamente ordinárias, diárias, rotineiras ou, até mesmo, medíocres e frequentes em certo nível.

No fim, creio que é isso que ele queria dizer...

O valor que essas imagens têm é o de serem memórias.

Memórias do dia a dia.

Memórias de momentos especiais com certeza serão lembradas por toda vida, mas muito pouco se fala da importância das memórias mais básicas.

O funcionário que você cumprimenta assim que chega no trabalho, o ônibus que pega todos os dias no exato mesmo horário ou, até mesmo, o que você faz assim que acorda.

São memórias de situações medíocres, eu sei.

Mas são memórias.

E embora essas memórias, dentro dessa imensa sala de conteúdo que seja a nossa consciência, fiquem bem ali no cantinho, ainda são memórias.

Tudo acabará um dia. Pessoas morrem, objetos quebram, conceitos científicos são substituídos...

Mas as memórias estão entre as coisas mais duradouras referentes à vida de alguém.

O tempo corre, pessoas vêm e vão pra nunca mais voltar, mas e as memórias? Sempre vão continuar.

O conhecimento é descrito como a única coisa que podemos obter e que nunca perderemos, mas só não o perdemos porque ele fica armazenado nas nossas memórias.

Agora ele se foi. Não há nada que eu possa fazer quanto a isso, eu diria. Nada além de recordar e dar valor ao tempo medíocre que passamos juntos.



A chuva que salga

Nicolly Figueiredo

As gotas da chuva adentravam os buracos do telhado. Já por vários dias o mundo caía e impedia as crianças de brincarem, sendo a brincadeira a única distração para a sensação que vinha povoando a vida dos pequenos. Como poderia explicar esse sentimento? Baseava-se em um incômodo infinito na barriguinha, ali no estômago. João, o filho mais novo, não entendia muito bem como funcionavam as coisas. Não entendia que nem sempre teriam biscoitos na dispensa. Os olhos de João refletiam, na maioria das vezes, tudo o que se passava em seu coração e, naquele momento, só se via a fome.

É difícil conviver com a fome, tão constante. Simples palavras não descrevem a vida como ela é, tampouco apresentam uma situação para alguém que nunca a viveu. Ainda assim, ela insistia em escrever, talvez para aliviar o sentimento de incapacidade diante da necessidade de seus filhos, talvez simplesmente para afastar-se por um minuto daquele fugaz olhar faminto que dizia mais do que mil palavras escritas. Ela não aguentava mais. Ela não aguentava mais o descaso do desgoverno, não aguentava mais os olhares que a julgavam sempre que adentrava qualquer ambiente. A procura por empregos era constante, ela fazia de tudo. Mas pelo fato de ela ser quem era, e o Brasil ser quem é... Ah, ela não aguentava mais.

A mão que escrevia velozmente pelo papel, agora um relato salgado, era a mesma mão que enxugava as lágrimas que desciam pelo rosto de João. A mulher queria muito que aquilo fosse lido, que fizessem algo por isso. Ela sabia que não era a única, sabia que logo ali, no barraco ao lado, havia situações parecidas, senão iguais. Mas ela tentava, tentava publicar seus relatos, poesias, crônicas... Ah, como amava escrever!

João agora soluçava e o mundo continuava a desmoronar também lá dentro.

Decidida, a mulher abriu a gaveta e pegou aquilo que gostaria de jamais ter guardado, deveria ter jogado fora ou vendido. Mas agora era tarde. Deitou-se no chão, junto de seu pequeno, e lhe deu cinco do que João chamou de doces. Mas não eram doces. A mulher engoliu o restante dos comprimidos e embrulhou seu filho nos braços, na esperança de encontrá-lo em um lugar melhor.

Dias depois, no cemitério municipal, houve um enterro. Uma pessoa como indigente e um menino que pensavam ser seu filho.



Lacuna na alma

Nicolly Figueiredo

O homem acorda da anestesia e olha em volta. Ainda está na sala de recuperação. Há uma enfermeira ao seu lado. Ele pergunta se foi tudo bem.

- Tudo perfeito! - diz a enfermeira.

- Estava com medo dessa operação...

- Por quê? Não havia risco nenhum.

- Comigo, sempre há risco. Minha vida tem sido uma série de enganos...

Yasmin se levanta e desliga a TV. A garota já se cansara dessa novela chata e deste homem reclamão que só fazia importunar a pobre enfermeira. Mas, lá no fundo, Yasmin sabia que aquela tela era a única distração para sua mente neste momento.

Há dois dias a polícia havia recebido uma ligação sobre sua irmã desaparecida, Andressa. Agora, a família se encontrava aguardando por notícias na sala de espera da delegacia. Yasmin, no entanto, não conseguia conter as lágrimas ao lembrar de sua irmã. Uma memória já gasta, tantas vezes acessada. Apesar de gêmeas, as duas eram completamente diferentes. Yasmin carregava os cabelos avermelhados de seu pai, já as madeixas de Andressa eram castanhas como as da mãe. Eram diferentes até na personalidade - enquanto uma era comparada a uma brisa leve, a outra se assemelhava a um furacão vermelho. Ainda assim, na infância eram as irmãs mais parceiras que já se vira. Até que, um dia, Dressa sumiu.

Yasmin sabia que a lembrança que viria a seguir era a mais dolorida de sua existência. Era um dia comum, cinco anos atrás, em que brincavam no parque perto de casa. Yasmin sugeriu que fossem brincar de esconde-esconde perto das árvores, enquanto seus pais não estavam olhando. Sabiam que eles não deixariam que elas fossem tão longe. As gêmeas adentraram as árvores correndo e rindo. Então, tudo aconteceu muito rápido. Yasmin ouviu um grito atrás de um arbusto. Quando correu para ver, Dressa havia caído em uma vala enorme e se encontrava desacordada. A irmã gritou desesperada e correu em busca de seus pais. Yasmin se perdeu pela trilha e levou muito tempo para achar o parque, onde sua mãe já chorava em agonia. Eles acharam a vala, porém vazia.

As portas da sala se abriram, resgatando Yasmin de sua câmara de tortura. Entraram dois policiais e uma jovem. Uma jovem de cabelos castanhos. Aparência de 15 anos. Era Dressa. Sua gêmea de alma. Um policial ligara a TV novamente, ao fundo ouvia-se um homem reclamão e uma enfermeira gentil. Mas até a novela chata era música aos ouvidos da irmã que finalmente abraçava de novo a metade perdida de seu coração.



Algueres

Igor Pignataro Alves

Albuquerque Albatroz era dono de uma loja de lanchas. Ele odiava aquele trabalho. A verdade era que tinha uma condição financeira boa e uma vida amorosa estável, e justamente por não ter do que reclamar, reclamava. Até que surgiu um alvo melhor.

Augusto caminhava pelo cais de porto, contando os contêineres nas embarcações. Estava no quarenta e dois. Quarenta e três. Quarenta e quatro. Quarenta e - escorregou num resto de goiaba, caiu no chão e perdeu a conta.

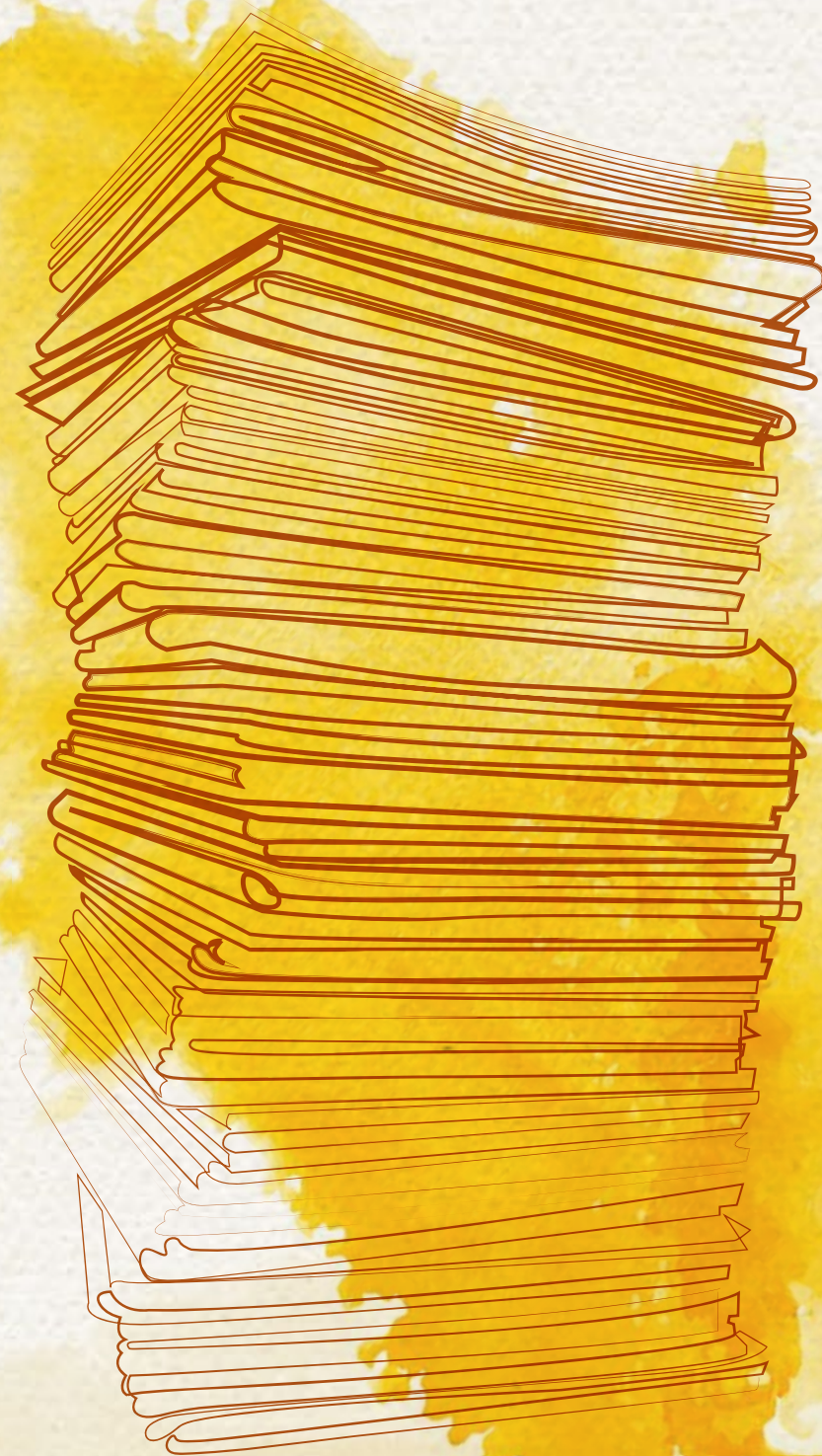
Alaúde - assim ele era conhecido na Viela da Fuinha. Evidentemente, nunca sequer encostara em um alaúde, mas tocava cavaquinho desde os três anos de idade. Só que muitos artistas tinham cavaquinho no nome, então era Alaúde. Alaúde nunca frequentou uma escola de música, como os filhos dos bala na agulha, mas tocava como poucos na Viela. Os tostão no bolso o chamavam vagabundo, e talvez realmente o fosse. Mas ele gostava disso. Era livre.

O Alquimista não tinha nome, ou, se tinha, importava tão pouco que não lembrava mais - aliás, o porquê dessa gentalha se importar tanto com nomes era uma coisa que ele não entendia. O que um nome dizia de alguém? Já ouvira inúmeros nomes em seu tempo de vida, mas poucos representavam de verdade quem seus portadores eram. De todo modo, nenhum desses pensamentos valia de nada agora. Era perseguido e sabia disso. Tinha de agir rápido. Chutou a porta de uma loja de lanchas, pegou um de seus preparados mais voláteis e gritou para que lhe passassem a chave do veículo, e nada de gracinhas senão eu explodo isso aqui!

Aldeir terminou de comer uma goiaba e jogou o resto no chão atrás de si. Viu uma comoção causada por um calvo e foi ver o que era. Fazia um calor de evaporar o sangue, e Aldeir estava irritado pois não podia tirar a roupa do hospital psiquiátrico onde trabalhava porque tinha que encontrar um paciente que fugiu bem no turno dele. E como se não bastasse, agora era obrigado a ficar ali em pé, o sol a pino, ouvindo um calvo bostejar no ouvido dele que ele não sabia fazer seu trabalho direito, e que era um absurdo o que ocorrera, e que e daí se era um louco brandindo uma garrafa de refrigerante cheia de água gritando com ele? E se fosse uma bomba de verdade, e aí? De saco cheio, o enfermeiro recomendou gentilmente que o calvo fosse tomar naquele lugar, deu-lhe o dedo do meio e começou a rumar para a Viela da Fuinha, onde tomaria uma estupidamente gelada pra refrescar. Quem sabe não conseguia chegar a tempo de ouvir um ou dois sambinhas do Alaúde? Foi pensando nisso que Aldeir quase tropeçou no homem que se levantava no meio da calçada e, em meio aos xingamentos de um enfermeiro irritado, recomeçava a contar os contêineres das embarcações.

Extra! Extra!

Artur Bertoni



Não tenho novidades

Minha edição anda mais defasada

Que as páginas amareladas

Dum jornal datado da década passada

Esquecido, numa quina da sala de jantar

Empilhado entre revistas da assinatura

persistentemente cancelada

Embaixo das sessões de Moda, Esporte e Bem

Estar

Entre traças e baratas, o preferido

Esperando o dia e que o estômago do duque, o cão

Me suje junto à foto estampada do dito

deputado

E o responsável pelo domesticado

Junto a todos os cadernos, jogue-se fora por inteiro

Da capa à derrota da Juventude.

A metamorfose é necessária

— ◆ —
Nina Gubano

Hoje vou enfrentar a maior mudança da minha vida até agora, vou me mudar para outra cidade. Confesso que não estou nem um pouco feliz com isso, tudo que é meu está aqui! Meus amigos, familiares e meu lar. Acordei bem cedo para a despedida, quero ter certeza de que vou me despedir de todos que amo. Passei pela padaria e falei com o padeiro que é meu amigo, depois fui para a casa da minha melhor amiga. Todos os meus amigos estavam lá.

Quando cheguei da festa discuti com a minha mãe de novo. Eu não quero me mudar. Sei que parece que sou uma criança, mas a verdade é que odeio mudanças. Uma vez resolvi pintar o cabelo, e pra mim foi uma decisão drástica. No final ficou horrível e me arrependi. Essa foi uma das vezes em que me arrependi de algo que resolvi inovar, é por isso que gosto e me acostumei a ser monótona.

Chegamos na nova casa, até que é bonito e é bem grande e arejado. Andando pela rua, vi alguns adolescentes. Eles são bem diferentes dos que eu estou acostumada, só consigo sentir medo de não me adaptar. Na frente da nossa casa tem uma árvore linda e, pra completar, ela está cheia de casulos. Fiquei minutos observando a árvore e fui presenteadada quando vi uma linda borboleta saindo de seu casulo. Me fez refletir!

Não sei o porquê, mas uma única borboleta falou tanto comigo. Um animal tão simples, tão imperceptível como a lagarta, vira uma borboleta esplêndida que onde passa chama atenção. Às vezes é necessária a metamorfose para que a pessoa possa amadurecer e se tornar um ser notável. Hoje percebo que me mudar de cidade foi uma das etapas da minha metamorfose. Precisava desse choque para mudar para melhor. E agora, “eu prefiro ser essa metamorfose ambulante, do que ter aquela velha opinião...”

Algumas mudanças são necessárias!



Texto em que se relata a volta à escola após ir ao mercado

Rian de Paula
Martini

e da vez que, munido de uma sacola,
ensacolava miojo
passava a passarela na frente da escola
e que nessa vez, que eu passava nessa passarela,
marchava rumo à escola que antecede essa passarela
e que nessa vez eu estava em posse dessa tal sacola de
mercado
e nessa vez que a sacola de mercado embalava uma
penca de miojo
e que os embalando como uma mãe nina a prole
seguia a sacola em minha posse
e que marchando rumo à escola, avistei um casal que
se beijava
e uma vez que se beijava o casal que avistei quando
marchando rumo à escola
eu carregava miojos
e que carregava miojo quando marchando rumo à
escola, eu marchava rumo à escola
e que marchava a sacola quando se beijavam e miojos

e de quando avistei determinado casal
e que, por acaso, beijavam-se e carrega uma sacola
ninando miojos
e toda vez que...
espera, não se beijam.
a mulher não beija o homem.
lhe espreme os cravos da face
a mulher não o beija, espreme-lhe os cravos.
e da vez em que, trotando numa escola, munido
de uma sacola embaladora de miojos, a mulher,
o homem espremia os cravos.
e espremia os cravos do homem.
e que passeio!
e que atitude!
e que deleite de embalo.
e que deleite de trote e de marcha
e de caminhada e de passarela e de escola e de balo,
de sacola,
mas principalmente que deleite de beijo.

Contrato de saudades

Anna Karollyna Silva
Livia Alves da Costa
Nicolly Figueiredo



Quando entrei para a Esem, me disseram que estar aqui é assinar um contrato com a saudade. Minha cláusula favorita é aquela em que diz:

“Seu coração, daqui em diante, estará distribuído por todo o território brasileiro.”

Estamos em posições inversamente proporcionais. Enquanto chegamos, nos habituamos à rotina, ao contrato citado e ao furacão, vocês, que já passaram por tudo, se despedem em meio à brisa leve.

O medo de derrubar a bandeja do restaurante já não é tão aterrorizante. Rimos do susto a cada descarga do banheiro que parece que vai nos engolir. Percebemos o outdoor cada vez menor. Sentimos falta do parabéns no lanchão de domingo que em grande parte dos casos não tem nenhum aniversariante. Pensamos como o bom dia afetuoso dos funcionários muda nosso dia e a vontade de jogar os amigos no laguinho só se intensifica.

Os três anos, trinta e seis meses e os mil e noventa e cinco dias passaram rápido demais e o 3º ato chega ao fim. É concluída mais uma fase e desbloqueados novos mapas. O clima de adeus se propaga.

Os tambores tocam em ritmo de partida. Os gritos de guerra clamam boa sorte. A torcida vibra saudades. Os alunos registram afetos. Os olhares, até onde a máscara permite enxergar, que como cumprimento se cerravam, farão falta.

Depoimentos

“Adoro o Pingado! Ouvir os textos que marcaram as outras pessoas sempre me marca de alguma forma, entendê-las e escutá-las melhora a minha semana.”

“Pingado se tornou um momento de leveza e diversão na minha semana, aprendi sobre a importância e o impacto da literatura. Sempre saio renovada e inspirada dos Pingados, isso me incentivou muito a voltar a ler e também a gostar de poemas e crônicas. Consegui ver as situações cotidianas de forma mais poética e pude refletir sobre alguns aspectos da minha vida, graças ao Pingado.”

“É sempre maravilhoso divulgar e ver a recepção das outras pessoas aos meus textos, me dá motivação pra continuar escrevendo e contando histórias.”

“Me abriu os olhos para o quanto eu amo escrever, que os meus textos impactaram as pessoas e tudo isso me fez conhecer melhor cada uma ali, devido aos seus textos escolhidos.”

“Uma oportunidade incrível de ter mais contato com literatura e com novos escritores.”

“Comecei minhas terças melhores e aprendi a admirar a literatura de uma forma diferente.”

“Me tornei uma pessoa mais ouvinte e criativa. No fim, o Pingado é, para mim, uma grande ferramenta de diversão, incentivo à arte e à literatura. Um verdadeiro encontro de almas esperançosas.”

“O maior impacto que o Pingado teve na minha vida, com certeza, foi na escrita. Nunca fui uma pessoa de escrever muito, mas, graças a ele, tenho tentado com certa frequência e estou até gostando de expressar sentimentos e ideias por meio da arte da escrita.”

O ano de 2022 não foi fácil e muita coisa aconteceu, mas tudo isso mudava nas manhãs de terça-feira.

“O Pingado sempre melhora meu dia. Na realidade, começar o dia ouvindo tantas pessoas de peito aberto a mostrarem sua arte faz com que qualquer pessoa mude, ao menos um pouco, sua visão de mundo. A literatura move as pessoas. A arte nos move. Assim, o Pingado é como uma luz que me mostra que, mesmo nos dias em que não há vontade de levantar da cama, sempre haverá um café, um poema e um afeto para te acolher. É sobre incentivar a escrita e a poesia.”

“Alegrava minhas manhãs e despertou em mim um interesse enorme pela literatura.”



Polo
Educatonal
Sesc